Associação livre

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília

Ano X e XI, Edição XI,
Dezembro de 2022

ISSN 2595-2749

SONHOS E DERIVATIVOS A PARTIR DA LONGA NOITE ESCURA

A Riciardi

Apresentação

Pandemia, isolamento, guerra, medo. Dimensão complicada para a compreensão daquilo que passa, degrada, exaure e gasta. Dois anos se passaram para chegarmos até esta edição. O transitório em sua parte mais trabalhosa. Perdas. De pessoas e de realidades. Muito trabalho. Em certos momentos, da crise conseguimos fazer oportunidades. Uma boa cota da fantasia de assimetria natural evanesceu-se e de repente nos vimos partilhando um estado mental tal qual nossos interlocutores. Uma diferença entre nós, a sustentação da disposição para a escuta sensível. Transformar o bruto em estória aqui é recurso para o faz de conta que nos ajuda a encontrar palavras para tudo que é sentido e se torna vívido na figurabilidade-convite-ao-sonho que a arte do colega Alexandre Ricciardi nos presenteia.
Voltamos à toda!

Paola Amendoeira

Nesta Edição

A VIDA POR UM FIO NUM PLANETA FORA DE EIXO • ***Helena Daltro Pontual*** • 3

ODE AOS GARCIAS ou TRÊS MIL E OITENTA E QUATRO • ***Sylvain Levy*** • 8

DESESPERO, ESPERA, ESPERANÇA • ***Aline Sant'Anna Ferreira da Silva*** • 10

SEXUALIDADE - PENSAMENTOS INQUIETOS DA ANÁLISE DA FOBIA DE UM GAROTO DE 5 ANOS • ***Michelle Ramos*** • 12

DOIS ESTRANHOS DISTANTES • ***Paola Amendoeira*** • 14

OS FENÔMENOS DO ESTRANHO E DO DUPLO E A TEORIA DO PENSAMENTO COMPLEXO • ***Daniela Yglesias*** • 17

O ENIGMA FIGURADO • ***Maíra Muhringer*** Volpe • 21

SONHO E TRAUMA EM TEMPOS DE PANDEMIA • ***Veridiana Canezin Guimarães*** • 24

OS FILHOS DA NOITE • ***Isa Maria Lopes Paniago*** • 28

REVISISTANDO CRUELLA DE VIL – AS DUAS FACES DA VILÃ • ***Kátia Barbosa Macêdo*** • 33

CANSAÇO • ***Keyla Carolina Perim Vale*** • 35

Quem somos

Edição
Paola Amendoeira
Claudia Carneiro

Equipe Editorial
Carlos Cesar Marques Frausino
Helena Daltro Pontual
Veridiana Canezin Guimarães

Ilustrações
Alexandre Ricciardi

Projeto Gráfico | Salomé
Diagramação | Licurgo S. Botelho

Impressão e Apoio
Gráfica Tipo Set Ltda

Diretoria da SPBsb
Lúcia Eugênia Velloso Passarinho, *presidente*
Daniela Yglesias de Castro Prieto, *diretora científica*
Luciano Wagner Guimarães Lírio, *diretor do Instituto*
Maria Elizabeth Mori, *diretora de Comunidade e Cultura*
Helena Lopes Daltro Pontual, *diretora de Comunicação e Divulgação*
Isa Maria Lopes Paniago, *secretária*
Maria Fernanda Cardoso de Oliveira Lenzi, *tesoureira*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília, filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, Febrapsi, e à International Psychoanalytical Association, IPA.

www.spbsb.org.br • spbsb@Spbsb.org.br
jornal@spbsb.org.br

SHIS QI 09, Bloco E 1, sala 105 | Bairro: Lago Sul
Brasília/DF | CEP: 71625-175 | 61 3248.2309

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da SPBsb.

A VIDA POR UM FIO num planeta fora de eixo

Helena Daltro Pontual

Os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas [...] Pelo contrário, são criaturas cujos dotes instintivos têm uma poderosa quota de agressividade [...] Essa cruel agressividade espera por alguma provocação ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas [...] Quando as forças mentais que inibem essa agressividade estão fora de ação, esta também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem, a quem a consideração para com sua própria espécie é algo estranho.

S. Freud [1]

Estamos sós diante do medo da morte nestes tempos conturbados. Sim, estamos sós, porque, como já disseram alguns, a gente nasce e morre só, e talvez por isso mesmo é que se precisa tanto de viver acompanhado. Para o filósofo alemão Martin Heidegger, a solidão é o estado inato do ser humano e cada pessoa está por si só no mundo. Assim, cada indivíduo nasce sozinho, morre na mesma condição e vive suas experiências pessoais também desta forma, por mais que esteja sempre cercado de outras pessoas, pois ninguém pode vivenciar sua dor e seu aprendizado, e cabe a cada um enfrentar sua própria travessia.

Estamos sós diante da nossa morte, da morte de amigos e parentes, da morte do planeta, do fim do que hoje chamamos civilização – o fim da vida na terra. Podemos não morrer agora, nossos amigos e parentes também não, e a guerra mundial talvez não aconteça em grande escala a ponto de destruir o planeta, pelo menos nesse momento. Mas estamos convivendo com ações e fatos mortíferos de grande intensidade nos últimos tempos.

A partir de 2020 fomos bombardeados diariamente pelos fatos noticiados sobre a devastação que causou a pandemia, as perdas e os lutos vividos, os perigos de novas variantes do vírus mortal, a vinda de outras pandemias igualmente mortíferas e a tragédia das mudanças climáticas que nos ameaçam com recados tenebrosos da natureza, estas tendo começado há mais tempo. Em sequência, quase sem dar tempo de respirar, voltamos nossos olhos e pensamentos para a guerra do leste europeu e suas sinistras consequências. Novamente sozinhos, tememos uma guerra nuclear e o fim de nossa civilização. Temos medo, muito medo, por nós, nossos filhos e netos, pela vida que se pode esvair das nossas mãos. Freud[2] bem o disse: "A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; nos proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis".

Como apontou Poian[3], mais do que angústia, vivemos hoje uma agonia de um tempo de desordem e de desmoronamento psíquico. Tempo de agonia, no sentido winnicottiano. Hoje, em nossa clínica, atesta a autora, o que

está em jogo, mais do que a existência, é a sobrevivência do Eu. Não apenas a sobrevivência material, mas a ameaça constante de desintegração interna, o que se traduz em angústias, depressões difusas, somatizações e estados de dissociações cada vez maiores. A pandemia e o isolamento, as crises econômicas, políticas e institucionais, as ameaças climáticas e, agora, mais uma guerra, vêm coroar nossas angústias impensáveis.

Pulsão de morte e sua função

Green[4] destaca que o objeto é o revelador das pulsões. Este não as cria, mas pode-se dizer que é criado por elas, pelo menos em parte. Essa é a condição para que as pulsões tenham existência. Ao citar o conceito formulado por Freud, Green destaca que sua ideia é a de que a pulsão de vida e a pulsão de morte têm como características a ligação e o desligamento, respectivamente – uma ideia correta, mas, segundo Green, insuficiente. Para Green, a pulsão de vida pode muito bem admitir nela a coexistência desses dois mecanismos de ligação e desligamento, da mesma maneira que pode absorver nela uma parte da pulsão de morte, e, dessa forma, vir a transformá-la. Ao contrário, a pulsão de morte comporta apenas o desligamento. O objetivo essencial das pulsões de vida, portanto, é assegurar uma função objetalizante. Melhor dizendo: seu papel não é somente criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas também poder ser capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está diretamente em questão.

Inversamente, o objetivo da pulsão de morte é realizar, tanto quanto possível, uma função desobjetalizante pelo desligamento. Com isso, não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os seus substitutos, como o próprio Eu. A manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é, portanto, o desinvestimento. Suas reflexões sobre Eros e a pulsão de destruição levaram Green a sustentar a hipótese de um narcisismo negativo como aspiração ao nível zero. O autor aponta que a função desobjetalizante é dominante nos quadros clínicos da melancolia, formas de psicose crônica, anorexia mental e diversas expressões da patologia somática do bebê.

Aisenstein e Smadja[5] observam que Green muito contribuiu para a teoria psicossomática, aproximando seu trabalho do de Pierre Marty, que reconheceu, ele próprio, um parentesco de sua concepção com o movimento mortífero de ordem psíquica e depois somática, expresso na função desobjetalizante da pulsão de morte.

As guerras e ódios entre países, etnias e grupos sociais são questões recorrentes. As doenças que acometem a humanidade também, bem como as mudanças bruscas no planeta. O homem está sempre cometendo os mesmos erros quando se trata de guerras, ódio, inveja e luta pelo poder. Estamos no meio desta confusão, e é difícil, nesse momento, nos colocarmos à distância para poder melhor observar nosso presente e futuro. Mas podemos pensar na pulsão de morte nos desligando de nossos vínculos com a mãe natureza, na desobjetalização que nos provoca sofrimento físico e psíquico.

A compulsão à repetição desprazerosa do ser humano na vida pessoal e na sociedade, que age de forma destrutiva com ele próprio, com a espécie e com a natureza, nos coloca diante de diversos problemas, como guerras, poluição, efeito estufa e, por que não dizer, falta de políticas públicas e saneamentos básicos – o desprezo pelo próximo como regra. Estamos perplexos diante da ação de Tânatos contra Eros e de questões tão catastróficas. Silvana Rea[6] define bem os tempos em que vivemos: Tempos de agonia de Eros, erodido pela desmentida e pela alucinação negativa, que transforma a violência, com variadas manifestações e intensidades, em sintoma social.

A vida é difícil de suportar tanto para a humanidade em geral como para o indivíduo. Em *O Futuro de uma ilusão*[7], Freud diz que nossa civilização nos impõe certa quantidade de privação e renúncia e que sofremos também por obra de outros que pertencem a essa mesma civilização tão imperfeita. O indivíduo reage a esses sofrimentos, desenvolve um grau correspondente de resistência. "Mas como se defende ele contra os poderes

superiores da natureza, do destino, que o ameaçam da mesma forma que a tudo mais", questiona[8].

Nesse contexto, nossa autoestima segue ameaçada e exige consolação; a vida e o universo devem ser despidos de seus terrores, diz Freud, completando que nossa curiosidade é movida também pelo mais forte interesse prático e, por isso, pede uma resposta. A ciência está aí para nos provar esse procedimento, com os avanços da medicina, da física e da biologia e a criação de vacinas contra doenças diversas. Nesse quesito, a pandemia da Covid-19, causada pelo SARS-CoV-2, exigiu uma resposta muito rápida dos cientistas.

Narcisismo maligno

Quando penso na ação destrutiva de uns contra os outros nessa civilização imperfeita me vem à cabeça os chamados psicopatas, sociopatas ou antissociais. Os nomes vão de acordo com o gosto do freguês. E sempre haverá um deles cuja infância foi negligenciada, pobre e infeliz (ou nem tanto), muitas vezes violenta, que conseguirá por sua persistência, meios ardilosos e, muitas vezes, inteligência, chegar ao poder de um Estado, uma Nação. Um líder, enfim, que conseguirá arrebatar multidões e capturar mentes, que se colocam ao seu inteiro dispor. Esse personagem da pulsão de morte nos é familiar na história da humanidade. E a cada vez que um deles surge e se destaca na política, nas relações internacionais e no poderio bélico e econômico nos deparamos com o fantasma da destruição, do fim da vida e do que conhecemos como civilização.

São indivíduos sem compaixão, arrependimento e, muitas vezes, brutais em seus atos, que formam um núcleo de inimigos da sociedade – os antissociais. Schneider[9] diz que essas pessoas têm anestesia moral, pois conhecem muito bem as leis, mas subordinam a elas sua conduta. São aquelas perso-

nalidades que sofrem de sua anormalidade e/ou fazem a sociedade sofrer sob ela. Tais pessoas têm um padrão de comportamento que repetidamente entram em conflitos com a sociedade, e a primeira indicação da possível existência dessa perturbação é a presença de um transtorno narcisista de personalidade, denominado por Kernberg[10] de síndrome do narcisismo maligno.

Existem muitas especulações neurofisiológicas, psicológicas e sociais sobre esse tipo de comportamento. Mas não vamos nos deter sobre possíveis causas dessa patologia. O que sabemos é que ambientes violentos, não acolhedores e não suficientemente bons podem detonar transtornos diversos, incluindo o comportamento antissocial, principalmente quando o sujeito é "ajudado" pela genética.

A psicanalista berlinense Johanna Karin Zienert-Eilts[11], citada por Silvana Rea, chama esse fenômeno na política de "populismo destrutivo", cujo objetivo é gerar medo e estabelecer uma polarização por meio de afetos muito primitivos que são alimentados pela onipotência narcísica. Sinaliza um tipo de organização social sustentada pela "perversão do continente", em que, no lugar da função de conter, acolher e metabolizar os impulsos destrutivos, há uma máquina de destruir. Um dos meios para criar essa máquina de destruição é a pós verdade e as *fake news*, substituindo a realidade histórica e social por uma pseudorrealidade. Aqui temos, segundo Christopher Bollas[12], os elementos para um processo social psicótico e sociopático, que simultaneamente estimula e é resultado de um tipo de mente psicótica e sociopata.

O medo, segundo Rea, alimenta o ódio e vice-versa. Mas o medo, que está no registro da falta de proteção, se torna mercadoria política, moeda valiosa. Ela cita Bauman & Donkis[13] para concluir que o sentimento de vulnerabilidade narcísica e desamparo formam o alicerce de todo poder político. Com um clima de incertezas e de suspeitas, produz-se uma obsessão pela segurança e um estado social em que o mal não está restrito às guerras ou a situações extremas: ele se revela também na insensibilidade diária diante do sofrimento do outro, na incapacidade de reagir, na recusa de compreendê-lo. Então, também no registro da pulsão de morte, o ódio se manifesta pela indiferença e a diferença suscita indiferença.

Cassorla[14] nos diz que mentiras perversas podem ser usadas para dominar pessoas e grupos humanos e que sofisticados sistemas de propaganda convencem as pessoas de "verdades" que interessam ao grupo dominador. As vítimas ficam inseguras e confusas em relação ao que é verdadeiro. E a destruição do conhecimento facilita a conquista de algum tipo de poder que "salvará" as pessoas da insegurança. Tais mentiras e falsidades se articulam com o negacionismo – fato social que se tem tornado evidente nos últimos tempos – e pode ser acompanhado do fanatismo. Cassorla acrescenta que há estreita relação entre o desamparo e a necessidade de idealização e que fanatismos e negacionismos se tornam mais evidentes em fases de intensas mudanças sentidas como traumáticas, tanto nos indivíduos como nos grupos sociais. "É possível que a pletora de fanatismos e negacionismos atuais seja influenciada pela dificuldade dos seres humanos de conviver em sistemas democráticos", diz Cassorla.

Estamos vendo tudo isso de perto, vivemos esse momento traumático, estamos enrolados e enroladas no furacão da história. Voltando aos chamados psicopatas, sociopatas e antissociais, o que os sustenta é exatamente o fato de pessoas se deixarem enganar e influenciar porque querem acreditar em algo, não importa o quê. Promessas vãs e mentiras soam como música para ouvidos de sujeitos desamparados, com pouca capacidade simbólica, que também podem apresentar falhas precoces em seu desenvolvimento e buscar objetos idealizados.

Nosso maior desafio, escreve Cassorla, é criar formas para que as descobertas da psicanálise possam beneficiar a sociedade. O maior perigo, acrescenta, é fazer vista grossa para fanáticos e negacionistas, imaginando que são apenas estúpidos e que não causarão problemas, pois a história nos mostra como eles ampliam seu poder constantemente até que, em algum momento, a desumanização se torne regra, envolvendo violência e eliminação dos adversários.

E quanto a nós psicanalistas? Como abordar a nós mesmos? Como olhar de frente o sofrimento, sentir o desamparo e enfrentar fatos tão traumáticos? Embora sozinhos em nossa travessia individual e peculiar, precisamos, como todos, de família, amigos, pessoas queridas e empatia. Empatia a ponto de conviver com o diferente, preservando o humano que nos habita. Nosso trabalho individual e conjunto também nos traz sentido à vida. Precisamos enfrentar nosso próprio negacionismo e derrubar muros que nos distanciam do outro; preservar a ligação com nossos objetos, o que nos exige também um trabalho psíquico intenso para não adoecermos do corpo e da alma. Enfim, a inquietude pode nos permitir nossa reinvenção, nossa criação e ousadia interna e externa, dentro e fora dos consultórios.

Parte do poema *Too scanty 'twas to die for you*, de Emily Dickinson (tradução minha), mostra, a meu ver, como vivenciamos nossos lutos, dores e perdas:

The Dying, is a trifle, past,
Morrer é nada, passado

But living, this include
Mas viver, isso inclui

The dying multifold – without
A morte múltipla –

The Respite to be dead.
Sem o alívio de estar morta(o).

Referências

[1] Freud, Sigmund. *O Mal- estar na civilização* (1930 [1929]). Edição *Standard* brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 133.

[2] Ibidem, p. 93

[3] Poian, Carmen. *Formas do vazio – Desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera Editora, 2001.

[4] Green, André. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

[5] Aisenstein, Marília; Smadja, Claude. A função desobjetalizante na obra de André Green: um modelo para a psicossomática. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, vol. XX, abril, 2013.

[6] Rea, Silvana. Ideias para pensar o século XXI. *Jornal de Psicanálise*, vol. 54. n. 101, julho a dezembro de 2021.

[7] Freud, Sigmund. *O Futuro de uma ilusão* (1927). Edição *Standard* brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

[8] Ibidem, p. 27.

[9] Schneider, Kurt. *Las personalidades psicopáticas*. Madrid: Ediciones Morata, 1980.

[10] Kernberg, Otto. *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

[11] Zienert-Eilts, Karin Johanna. (2020). Destructive populism as "perverted containing": a psychoanalytical look at the attraction of Donald Trump. *The International Journal of Psychoanalysis*, 101 (5), 2020. p. 971-991.

[12] *Civilization and the discontened*. Webinar promovido pela Community West Treatment. Citado por Silvana Rea em *Ideias para pensar o século XXI*, 2021.

[13] Bauman, Zigmunt & Donskis, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

[14] Cassorla, Roosevelt. Arrancando os olhos. *Jornal de Psicanálise*, vol. 54. n. 101, julho a dezembro de 2021.

Helena Daltro Pontual *é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.*

Ode aos Garcias ou Três mil e oitenta e quatro

Sylvain Levy

***Sylvain Levy** é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

Havia um reino.

Onde não havia rei. Nem parlamento. Mas havia pessoas e as pessoas se reuniam e votavam leis que nunca seriam cumpridas, então também não havia juízes nem promotores. Mas havia advogados que defendiam e atacavam quem de justiça precisasse e as decisões eram sábias e sabiás cantavam. A sua justiça não tinha venda nos olhos, tentava aplicar a isonomia, tratando desigualmente os desiguais.

Era um reino onde coisas improváveis se tornavam possíveis, onde a realidade corria junto com a imaginação. Tiroletas que voavam e borbossauros que pastavam eram testemunhas disso e também do amor do Tiranossauro Rex pela borboleta e de como foi intensamente correspondido.

No reino tudo era possível, mas não pensem numa Pasárgada mítica, pois lá era comum morder a própria testa, bastava para isso subir num banquinho. Era sem dúvida um reino justo. Cada um contribuía com o que podia e só recebia o que precisava e as necessidades de amor e carinho eram satisfeitas, mas não completamente para que sempre houvesse espaço para o querer mais.

Era um reino muito estranho onde as coisas que se pensava aconteciam para o bem, para o bom e que as coisas para o ruim se esqueciam de acontecer. Lá, a ambição nunca crescia tanto a ponto de se transformar em ganância, nem a raiva de virar ódio. E precisava de

muita atenção quando o amor ficava paixão e a fome, gula.

Perfeito o reino não era, mas se vivia. Era diferente. Havia independência, autonomia e liberdade e havia solidariedade e fraternidade. Era tão diferente que até os anarquistas conseguiam organizar reuniões.

Havia um reino onde a fantasia imperava e a ética do amor substituía a do medo e as cores cheiravam.

A lágrima que corria dos olhos entrava pelo ouvido e dava para sentir o gosto do tudo junto.

O amargo existia na podridão das frutas e não nas pessoas. O feio era percebido quando as flores murchavam.

Era um reino onde o acreditar se opunha ao medo e a coragem e a honestidade não eram qualidades, mas atributos comuns.

Fome, guerra e peste eram notícias, não acontecimentos. Morrer era apenas o contrário do nascer e, ambas, partes do viver.

Era um reino onde as pessoas acreditavam que o ideal existia. Que o ideal era alcançável e que cada um chegaria nele. Mas ninguém se sentia culpado quando isso não acontecia. Só voltavam a crer e tentavam de novo. Porque sabiam que o mundo estaria sempre recomeçando.

Havia um reino.

E por que não?

Desespero, espera, esperança

Aline Sant'Anna Ferreira da Silva

Seio bom.
Ano: 2022.
Por Aline Sant'Anna Ferreira da Silva

Desde o início de 2022, frequentemente, me pergunto se a pandemia acabou. Penso que esse acontecimento catastrófico e global, que não poupou nenhum de nós, de alguma maneira, se atenuou. Hoje, vemos ao nosso redor muitos espaços de vida preservados, com encontros e reencontros acontecendo fora da tela. Voltamos, enfim, a respirar sem o pavor iminente de ficar sem ar. Não podemos dizer que a pandemia está acabando ou apenas nos dando uma trégua, com novas ondas de contaminação mais branda, mas fica claro que os dias mais asfixiantes não são os presentes, restando a memória do que passou e do que se passou, em cada um de nós. Elaborar a experiência desse tempo distópico é o trabalho que nos cabe, agora, realizar em nosso mundo interno.

Em meu arsenal de memórias desses tempos recentes, uma se destaca: o encontro inesperado com Esperança. Era noite, março de 2021, e Esperança invadiu meu quarto. Na ocasião, vivíamos dias dramáticos, com recordes sucessivos no número de mortos por covid-19, chegando ao absurdo de 4 mil mortes diárias. O clima era de medo da morte, luto, desamparo. Mas ela, Esperança, estava muito viva! Foi se aproximando, passo a passo, salto a salto, entrou sem ser convidada, esverdeou de beleza meu quarto e me deu um susto. Dar de cara com Esperança naquela noite foi espanto e alento.

Esperança chegou até mim invadindo meu espaço. Ela não estava em seu habitat natural, não estava camuflada numa folha, mas pousada num portal de madeira, destacando-se do ambiente à sua volta. Temi que ela pulasse em minha direção, ampliando o susto, já imenso. Ao lado do temor, repousava um encantamento: seu verde radiante, sua delicadeza, há tempos não via uma. Fui passando de um estado assustada a um estado hipersensível, quase epifânico, tentando encontrar um sentido para aquela visita. Pensei: "Ela escalou vários andares de um prédio para chegar aqui! Não pode ser um acaso." Fiquei muito tempo parada, contemplando Esperança, também meu sentir e pensar diante dela.

Não sabia o que fazer com a aparição de Esperança, e por uns dias me ocupei com pensamentos sobre sua visita inusitada. Era como se houvesse algum sentido mágico naquilo. A palavra esperança ficou reverberando em mim como um tic-tac de relógio: esperança-esperança, esperança-esperança. Nos caminhos de pensar que percorri, me ocorreram algumas frases comuns: *A esperança é a última que morre. Enquanto há vida há esperança.* A palavra esperança foi se desconstruindo e se reconstruindo num fluxo intenso de ideias.

Passado um tempo, os fragmentos pensados fluíram e se agregaram na construção de conjecturas sobre as peculiaridades desses

tempos pandêmicos, quando a morte nos assombrou, para além do que já conhecíamos como risco ou ameaça. Tomada alguma distância do instante epifânico, percebo que a busca por atribuir um sentido àquela experiência foi especialmente forte em mim. Talvez, naquele momento desértico, eu tenha precisado da ilusão de um oásis para aplacar minha sede de vida, assim como um bebê alucina o seio da mãe, enquanto a espera. Precisei dessa experiência, fomentadora de sentido, para suportar a espera por dias melhores. E Esperança seguiu passeando, vez ou outra, pelas minhas ideias; recentemente, me fazendo pensar no inesperado e na espera. Quantas e quão longas foram as esperas vividas nesses dois anos de pandemia? Cada um sabe das suas.

Na *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 54, n. 3, 2020, encontrei um artigo com o título "Desesperar, jamais: algumas reflexões sobre o trabalho clínico psicanalítico durante a pandemia". Nesse texto, o autor Tiago Sanches Nogueira diz: "Propomos um nome para o principal afeto despertado pela ameaça do coronavírus, o *des-esperar*.

Ligado a esse estado de espera que nos parece perpétuo à primeira vista, o *des-esperar*

diz respeito ao não poder esperar a espera que nos foi imposta" (p. 120).

Nessa espera, imposta pela pandemia, houve particularidades que amplificaram o risco de *des-esperos*, em especial, o medo da morte. No entanto, esperar é inerente à vida e nossas esperas pregressas, registradas na memória e nos traços mnêmicos, compareceram nesse momento pandêmico, sendo um substrato possível para fazermos frente ao inesperado ou reabrindo feridas das duras esperas já vividas.

Divago pensando nas tantas esperas da vida humana.... Uma mulher grávida, que abriga um novo ser, espera. Espera por longos e efêmeros nove meses, para que o tempo e seu corpo deem forma e força ao rebento, no trabalho visceral de gestar. E o bebê, espera por algo enquanto se constitui no ventre? Misterioso psiquismo pré-natal, sobre o qual supomos muito e sabemos um pouco. Acreditamos haver onipotência nesse espaço de tempo em que, hipoteticamente, nada falta.

Mas o útero se apequena diante do crescimento do bebê e lhe falta espaço. Para seguir com sua vida, o pequeno ser precisa encontrar uma saída. Ele começa então a buscar caminhos, se encaixa, recebe pressões e culmina sendo *expulso do paraíso* pelas contrações uterinas. Parir é o gesto máximo de uma gestante: (im)põe fim ao feto e faz nascer o bebê.

O bebê, por sua vez, se depara, inesperadamente, com seu nascimento e se desespera. Mas também espera, precisa esperar. E espera pressupõe incompletude, falta. Assim começa a vida aqui fora: entre desesperos e esperas; recém-nascido precisando de um outro – adulto – para suportar a avalanche sensorial e pulsional que ameaçam inundar seu ego arcaico; esperas iniciais potencialmente dilacerantes.

Se o colo, o leite e o amor comparecem num ritmo suficiente para aplacar as angústias mais primitivas do bebê, engendra-se alguma esperança em seu mundo interno. Compreendo que a esperança, enquanto possibilidade de esperar, é essencial para a manutenção da integridade psíquica e assemelha-se ao conceito de *introjeção do seio bom,* de Melanie Klein, quando o objeto interno é capaz de trazer contorno e contenção para os estados de ameaça ao psiquismo.

Ninguém sabe se a pandemia irá embora, e a dureza desse não saber habita nossa vida e nossos consultórios. Seguimos na escuta e nas esperas.

Aline Sant'Anna Ferreira da Silva *é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

SEXUALIDADE

Pensamentos inquietos da análise da fobia de um garoto de 5 anos

Michelle Ramos

De onde viemos

O Pequeno Hans me incomodou. Não a criança Hans, mas o relato do caso. E depois de muito me debater sobre as razões desse embate com o texto, concluí duas coisas. Antes de ir a elas, quero esclarecer que não se trata de questionar nem as conclusões, nem a teoria que embasou o caso. Nutro um profundo respeito pela teoria da sexualidade, e espero que esse texto reflita isso.

A primeira das razões desse embate foi a sensação de que parte daquela situação ficou intocada: será que aquele pai também não rivalizava com a criança? Tive a impressão que havia ali uma disputa pelo amor (ou atenção) daquela mulher/mãe. Ficou em mim a curiosidade do quanto Hans desejava uma mulher e o quanto o pai poderia desejar aquela mulher, agora mãe... Nelson Rodrigues, com certeza já deve ter escrito sobre isso.

Mas uma história leva a outras e acabei rememorando um caso que ouvi. Lembrei-me do relato da pesquisa de como nascem os bebês, feito por uma mãe. Essa mulher, quando criança, pôs-se a pensar em como os bebês nascem. Em sua investigação, recebeu como resposta que havia uma sementinha na barriga das mães, que essa semente brotava e nascia uma criança. Isso virou um pequeno transtorno para ela, pois comer melancia tornou-se a travessia de um campo minado. Se fosse descuidada, ao desfrutar de uma simples sobremesa, poderia terminar uma refeição grávida de seis crianças. Um dia descobriu a verdade, entendeu-se ludibriada e passou a atribuir a sina ser uma neurótica muito desconfiada.

Uma história puxando outra, e mais outra, me remeto agora a uma conversa que tive com uma criança, e sua formulação de hipóteses sobre como nascemos. Essa criança levou muitos anos para ser diagnosticada como autista. Dias antes havíamos falado sobre os dilemas éticos da clonagem e sugeri a ela que pesquisasse sobre a história da ovelha Dolly. Ela ficou muito encantada com a técnica da troca do material genético e procurou-me novamente para trocar impressões. Mas ela me relata uma última dúvida:

– Olha – ela falou – eu entendi como ocorre a fecundação no laboratório. Mas na natureza, como que o espermatozoide encontra um óvulo?

– Você sabe a diferença entre um homem e uma mulher? – questionei.

– Sim. Está lá naquele lugarzinho.

– Então, o espermatozoide fica lá no lugarzinho dos meninos e o óvulo fica lá no lugarzinho das meninas.

Nesse momento, mostro um dedo em riste como o lugarzinho dos meninos, e faço um círculo com o polegar e indicador para mostrar o lugarzinho das meninas. E para exemplificar bem, penetro o círculo com o dedo. Nesse momento ela, enojada, pede que eu pare a explicação. Eu ri e respeitei o pedido, mas não sem antes perguntar como seria esse encontro na cabeça dela. Ao que a criança me respondeu com essa:

– Achei que era por bluetooth...

Rememorar essas diferenças de percepção me fez começar a entender o papel fundamental da sexualidade na história de cada um de nós. Somente após a leitura do Pequeno Hans que entendi a mensagem desse sexo sem contato relatado por essa criança.

Para onde vamos

É pelo corpo ou pela mente? Quando li os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade essa dúvida apareceu. E sim, Freud também falava da ambivalência ambulante que somos. Possivelmente é por ambas as vias que a sexualidade se expressa. Freud pensou no humano como um rio por onde tudo corre, contido por duas margens. Há quem diga que tais margens nunca se encontram, há quem creia que elas se afundam e se tocam formando o leito do rio. E nesse devaneio me lembrei de Grande Sertão: Veredas. Coloquei-me a reler esse clássico, buscando pistas. O primeiro indício encontro logo nas primeiras páginas: num diálogo entre os personagens revela-se que Diadorim não teve mãe e Riobaldo não teve pai. Como se atravessou esse Édipo? Como se fixou a escolha do objeto? Afinal, Riobaldo amou um homem ou uma mulher? Amou um corpo ou amou um ser? Amou o corpo feminino travestido de masculino? Qual o sexo da mente de Diadorim?

Continuo refletindo muito sobre essa escolha de objeto. Sigo me perguntando o que amamos naquilo que amamos. Em que lugar da equação entra o ser corpóreo? O problema é que o humano não pode ser resumido a uma fórmula do excel. Para cada um existe uma fórmula. Muitos resultados dessa equação são iguais. Algumas outras produzem resultados sui generis. E outras mais terminam numa aporia, como Riobaldo mesmo descreveu:

"Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A semvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme por exemplo quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do demo: Digo? Com que entendimento eu entendia, com que olhos era que eu olhava?"

Qual um rio formado por suas margens, o ser humano possui o masculino e feminino em sua conformação. Quando olhamos um rio, não importa de qual margem estejamos olhando, conseguimos ver um rio. Assim como sempre veremos um ser humano, não importa se pela sua margem masculina ou feminina. O que nos distingue, ao final, é aquilo que encontramos no leito.

***Michelle Ramos** é membro do Instituto do Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

Dois estranhos distantes

Paola Amendoeira

Estamos no campo dos sonhos de repetição, daqueles em evolução, que buscam encorpar nossa experiência de vida.

Aqueles que nos perseguem.

Fakhry, importante psicanalista da Sociedade Britânica, já avisou: ser preto num mundo branco é... uma agonia.

Durante 32 minutos vamos acompanhando a elasticidade da capacidade de aprender com a experiência ser levada à sua máxima tensão, até o rompimento derradeiro.

Numa matriz estruturalmente racista as discriminações são dispositivos que mantêm e perpetuam os preconceitos, garantindo o privilégio através da diminuição e aniquilamento dos outros.

Durante cerca de 9 minutos, George Floyd repetiu 20 vezes... eu não consigo respirar.

No nosso meio, o Mapa da Violência de 2016 revelou uma realidade na qual um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos. De todos os homicídios do período pesquisado, 70% das vítimas eram negras (pretos e pardos). São os negros os que mais morrem de Covid-19 no Brasil e também constituem 66,7% da população carcerária do nosso país.

Muitas são as formas através das quais podemos conversar sobre sonhos. Na mais expansiva delas, cada elemento do sonho pode ser compreendido como um aspecto, um traço, uma experiência, um afeto que compõe aquele que é o Eu e os seus não-eus.

No decorrer do curta, a cada repetição, o sonhador vai passo a passo revivendo, refazendo, repetindo, corrigindo, ou tentando corrigir, um percurso. A única coisa que ele quer é conseguir voltar para casa e alimentar seu cão que o espera.

Para, respira, recomeça, tenta mais uma vez seguir seu dia, seguir sua vida. De tantas e tantas vezes re-vivendo essa violência vai conhecendo o policial, identificando suas particularidades, conhecendo sua história, buscando alternativas e diálogos. Aprende com a experiência que vai evoluindo.

Respira e tenta de novo.

Ao som de Bruce Hornsby cantando: É assim que é, algumas coisas nunca vão mudar, o sonhador entrega biscoitos ao seu cachorro virtualmente enquanto conta que na noite anterior conheceu uma gata, tomaram umas cervejas, foram para casa dela e tiveram aquela noite gostosa. Mas lembra ao cachorro: Veja lá, não vai fazer cocô no tapete.

Sai para o começo do seu dia, alegre e satisfeito com a noite, o dia está bonito, para e acende um cigarro, logo ficamos sabendo que ele também está bem financeiramente. Enfim, nosso sonhador está naquele momento, se sentindo 'O cara'.

Do outro lado, seu interlocutor, o policial, branco, não falha e não perde a oportunidade de abordá-lo. O frustrado se encontra com o realizado. A inveja incontrolável e infantil levanta o mapeamento vertical eu-outro, e faz da relação

de poder a apoteose da raiva e da maldade. Trabalhando na rua, frustrado, o policial depende que o negro seja perigoso para que ele possa existir como salvador e herói. Aqui quem parece não conseguir respirar, e muito menos pensar, é o policial, incapaz de registrar qualquer experiência que lhe permitisse conhecer sua vítima. Cena a cena ele remete à rigidez inflexível em movimento duro. Não lhe interessa encontrar intersecções que tragam proximidade, identificação ou que possam se desdobrar em qualquer espécie de partilha. Pelo contrário, está ativa e sistematicamente fazendo trabalhar uma organização para impedir o avanço e para sustentar essa sua total indisponibilidade e extremo desconforto com o Outro – lá fora e o de si mesmo.

O policial branco, destilando seu rol de preconceitos, quer ser o mocinho ao custo de inventar no sonhador uma negritude bandida que reafirma a profecia de que não importa, é assim que as coisas são, e algumas nunca vão mudar.

A narrativa faz parecer que a cena se passa em algum bairro nobre ao qual nem nosso sonhador, nem o policial pertenciam. Ambos, cada um ao seu modo não estavam no seu lugar. Esta é a intersecção comum que permite ao policial fazer de nosso sonhador, o escolhido do momento para ser a vítima do seu jogo de poder do dia. E assim garantir para si um senso de superioridade, que acalma as suas ansiedades decorrentes da sua própria experiência de inferioridade que experimenta ao trabalhar em bairro nobre.

A raiva aumenta, nosso sonhador se esforça para controlá-la, respira e tenta uma nova alternativa. A cada nova tentativa ele avança e ganha tempo. Depois de tantas experiências já entendeu que perder a calma só vai fazer a situação se complicar ainda mais. Tenta conversar mais.

Quem nunca diante de uma grande conquista ou realização teve medo de que algo pudesse acontecer que pusesse tudo a perder, ou tivesse o poder de estragar tudo aquilo conquistado?

Mas não nos enganemos, aqui a situação é outra. O filme nos faz viver junto com o sonhador a diferença que é uma vida que realiza e repete sistematicamente a fantasia como realidade.

De um modo ou de outro, não adianta criatividade... no fim o assassino não resiste e executa sua intenção impedindo o cachorro/protagonista de ganhar os seus biscoitos. E aqui, como no sonho, vale lembrar que hoje biscoitos para cachorros é também gíria que nomeia essa experiência de se expor esperando *likes* em troca nas redes sociais.

Nosso personagem principal, de um modo ou de outro, fala da agonia que é, ao fim e ao cabo, nunca estar seguro de que terá direito, também, a ganhar seus biscoitos. O ato espontâneo de simplesmente dar uma parada para fumar um cigarro em comemoração ao feito não poderia ser mais perigoso.

A cada momento nosso sonhador vai se adaptando mais, vai ficando mais dócil, revivendo a história anterior e consertando o que pode ter sido errado, ou mal-feito, e que pode ter levado ao desdobrar do infortúnio. O sentimento de culpa por não conseguir deixar de fazer merda em algum lugar, a tentativa de fazer e refazer a coisa direito acompanham o sonhador, de modo indelével.

Até que, no último momento, quando finalmente ele achava que tinha conseguido controlar sua raiva suficientemente e feito daquilo tudo um bom negócio, ao conseguir evitar a repetição e ter uma carona dada pelo seu algoz para casa.

De novo o fracasso. O ódio branco realiza o assassinato. A partir de então o dono não poderá mais dar biscoitos ao seu cão de estimação. Está irreversivelmente morto e posto em seu devido lugar. É assim que as coisas são, e algumas nunca irão mudar.

Essa história se repete todo dia.

Recordar, repetir, elaborar.

É através do preconceito que se 'instala' na mente, as crenças e convicções de um determinado sistema de valores. Os preconceitos estão enterrados e enraizados dentro de todos nós, são transmitidos transgeracionalmente e fazem parte da formação de identidade, nosso senso de pertencimento e de harmonia possível com o grupo em que nascemos. Seus impactos e desdobramentos negativos mobilizam tanta dor e sofrimento que acabam tomando a atenção de um modo que não abrimos o espaço para pensar sobre as vantagens que se mantêm garantidas ao preconceituoso e que faz com que se perpetue como lugar de desejo, com tanta eficiência.

Que tipo de ferramentas e habilidades precisamos desenvolver que possam permitir e garantir que nosso policial interno, mocinho assassino, branco, ganhe alguns minutinhos para pensar, para respirar, cuidar do seu próprio medo e assim, reduzir o risco de perder o controle sobre seus preconceitos, muitas vezes inconscientes?

Paola Amendoeira *é membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília*

Os fenômenos do estranho e do duplo e a teoria do pensamento complexo

Daniela Yglesias

Edgar Morin (1982/1999), grande articulador do paradigma do pensamento complexo, defende que o conhecimento deve abarcar a multidimensionalidade do fenômeno estudado e propõe o abandono de um tipo de explicação linear por outra que envolva movimento e circularidade. A unidade da complexidade é composta por elementos que se entrecruzam e entrelaçam, o que reintroduz a incerteza e a indeterminação no conhecimento que anteriormente buscava a conquista da certeza absoluta. A desordem traz a angústia da incerteza diante do incontrolável e do indeterminado. Morin defende que um universo estritamente determinista, que fosse exclusivamente ordem, seria um universo sem devir. O objetivo do conhecimento dentro do paradigma da teoria do pensamento complexo é dialogar com o mundo e não descobrir seu segredo. O observador, dentro desse referencial, deve se integrar na concepção e observação do fenômeno que tenta explicar. O princípio discursivo complexo comporta a associação de noções complementares, concorrentes e antagônicas. Essa proposta de modelo de ciência se aproxima da Psicanálise que tem o conceito de inconsciente como um dos seus postulados centrais que se caracteriza pela atemporalidade, pelo princípio da não contradição e da substituição da realidade externa pela psíquica, conforme proposto por Freud (1915/2010). O conhecimento produzido pela Psicanálise assume as características de seu objeto, o inconsciente.

Freud (1919/2010) ressalta que em geral a estética se ocupa das qualidades da positividade, do belo, do sublime e menos da negatividade, do que é repulsivo e doloroso. O inquietante, conforme a tradução de Paulo César de Souza, da Companhia das Letras, para a expressão do alemão *"das unheimliche"*, trata-se de uma qualidade do sentir associada ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror. Constitui-se em uma experiência de percepção de algo como sinistro e lúgubre, que nos deixa desarvorados, que é vivido como horripilante, demoníaco e angustiante.

A palavra *heimlich* traz a ideia do familiar, aconchegado enquanto *unheimlich* aponta para o que era escondido, mantido oculto. *Heimlich* como local livre de fantasmas, o que nos faz pensar que seu oposto seria um local tomado por fantasias. A palavra *"das unheimliche"* como oposto de *"heimlich"* poderia nos levar a conclusão de que algo é assustador exatamente por não ser conhecido e familiar. Contudo, Freud acentua

a pouca determinação da expressão *"das unheimliche"* de modo que há um deslizamento para algo que é assustador, mas que remonta ao que era muito conhecido, ao bastante familiar. O inquietante como algo que deveria ser mantido em segredo, mas reapareceu. O inquietante, conforme proposto por Freud, é também representado por uma experiência de indeterminação entre o conflito pela angústia e pelo desejo infantil. Aquilo que poderia parecer uma contradição é apenas uma complexidade própria do inconsciente em que os conteúdos aparecem em condensações e deslocamentos.

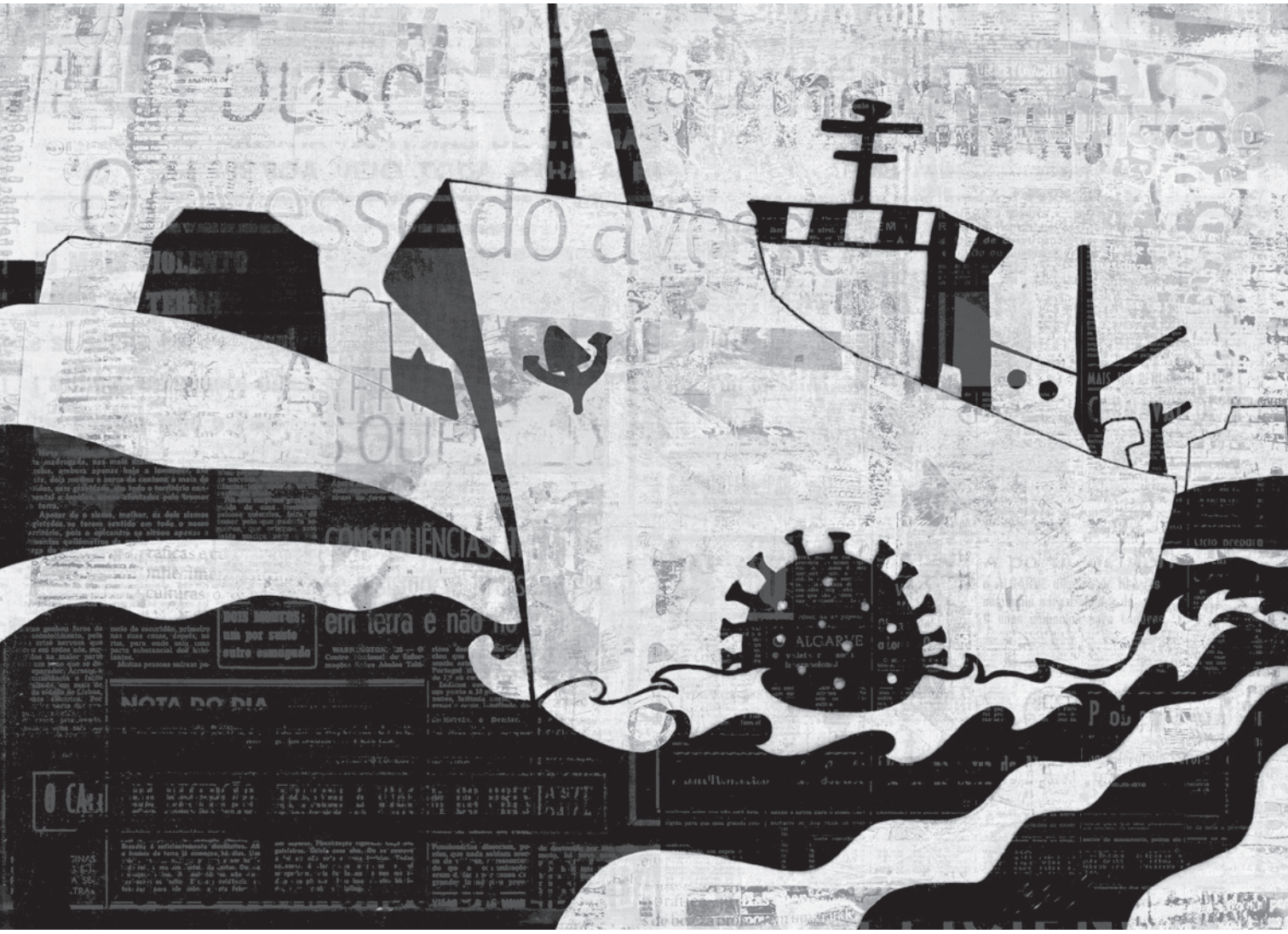
Freud (1919/2010) defende que a literatura que provoca esse efeito inquietante produz em nós uma experiência de incerteza, que não nos possibilita saber se estamos sendo levados ao mundo real, ou a um mundo de fantasias. Essa literatura nos surpreende com o inquietante quando nos promete a realidade e depois a ultrapassa. Nesse sentido, tal literatura se aproxima da experiência da análise em que somos convidados a mergulhar no universo narrativo do sujeito sem sabermos quais elementos são mais próximos da realidade, quais são da sua fantasia.

Freud (1919/2010) aborda a experiência do duplo como tendência a projetar para fora do Eu algo estranho, aquilo que não pode ser absorvido e processado. A experiência do duplo como regressão a um tempo em que o Eu ainda não se delimitava nitidamente em relação ao mundo externo e aos outros. É uma experiência de retorno não intencionado a uma sensação de desamparo e inquietude. Freud se pergunta nesse trabalho sobre o fator da repetição não deliberada que traz a experiência do inquietante como algo fatal, um destino demoníaco e inelutável.

O efeito inquietante do retorno do mesmo remonta à vida psíquica infantil e a primazia da compulsão à repetição vinda das pulsões. O inquietante como superestimação narcísica dos próprios processos psíquicos, com a onipotência dos pensamentos. O elemento angustiante como algo reprimido que já foi familiar à psique que, tendo sido banido, retorna como alheio. Algo que deveria permanecer oculto, mas que ressurge, trazendo a marca da repressão. O efeito do inquietante é particularmente mais forte quando a fronteira da fantasia e realidade é apagada, quando vem ao encontro do real algo que era vivido como do mundo do fantástico. Produz-se "quando complexos infantis reprimidos são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas" (p. 371).

Freud analisa o fenômeno do duplo, do sósia, com suas diversas apresentações, como o surgimento de pessoas que pela aparência igual são consideradas idênticas, em que a vivência é de passagem de processos psíquicos de uma pessoa para outra, levando a identificação intensa com outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu, ou mesmo experimentar a duplicação, divisão ou permutação do Eu. Esse fenômeno emerge no território do ilimitado amor a si mesmo no narcisismo primário que domina a mente da criança, como também do homem primitivo. O fenômeno do duplo aparece sobre nova roupagem nos estágios de desenvolvimento posterior da libido. No Eu começa a se formar uma instância especial que serve à função de auto-observação e à autocrítica, que posteriormente Freud (1923) vai nomear como Super-Eu. Nos quadros em que predomina o delírio de estar sendo observado, essa instância torna-se isolada, dissociada do Eu e pode tratar o restante do Eu como um objeto. O conteúdo percebido como repugnante para a crítica do Eu pode ser incorporado ao duplo, como também todas as tendências do Eu que não puderam se impor devido a condições desfavoráveis.

Edgar Allan Poe apresenta em seu conto "Willian Wilson" a história de um jovem que se sente incomodado por um sósia cujas semelhanças, tanto físicas, como psíquicas, o inquietam. A descrição desse sósia pelo protagonista possibilita apreender a confusão entre realidade interna e externa. O narrador-protago-



nista do conto mostra-se perplexo com o fato dessa similaridade não ser percebida pelos outros, o que o deixa cada vez mais confuso, com uma sensação de indeterminação, o que é vivido também pelo leitor. *"(...) secretamente percebia que tinha medo dele e não conseguia parar de pensar na facilidade com que se mostrava o meu igual, uma prova de sua verdadeira superioridade; ao passo que para mim mesmo era uma luta constante impedir que algum outro me superasse. Todavia essa superioridade – ou mesmo essa igualdade – não era reconhecida por ninguém, exceto por mim mesmo; nossos colegas, devido a algum tipo inexplicável de cegueira, não pareciam sequer suspeitar. (...)"*. A narrativa desse conto apresenta essa perspectiva de circularidade, que marca o funcionamento do inconsciente.

> "(...) descobri, ou achei que tinha descoberto, em sua pronúncia, na sua atitude e em seu aspecto geral, alguma coisa que primeiro me espantou e a seguir interessou-me profundamente, trazendo-me à lembrança visões obscuras de minha primeira infância – recordações vagas, confusas, mas avassaladoras de uma época em que minha própria memória ainda não havia nascido. Não sei de maneira melhor para descrever a sensação

> que me oprimiu do que confessar que tive a maior dificuldade para afastar a crença de que tinha conhecido aquele ser parado junto a mim em uma época muito longínqua, algum ponto do nosso passado que me parecia infinitamente remoto. Todavia esta ilusão desvaneceu-se tão rapidamente quanto surgiu; (...)".

Freud (1919/2010) finaliza esse lindo trabalho defendendo que o alto grau de inquietante estranheza que é próprio ao duplo está associado ao esforço defensivo que o projeta para fora do Eu algo estranho. O duplo pode ser uma criação de um tempo remoto em que aqueles elementos faziam parte do Eu. Trata-se de uma regressão a um tempo em que o Eu não se delimitava claramente em relação ao mundo externo e aos outros.

Bion (1967), em seu texto sobre "o gêmeo imaginário", descreve processos psíquicos inconscientes em que o sujeito busca aliviar-se da ansiedade usando o outro como personificação da parte de si da qual gostaria de se dissociar. A projeção, a integração e o splitting são utilizados pelo Eu para livrar-se de partes da personalidade percebidas como insuportáveis. O processo de análise possibilita o desenvolvimento no analisando da capacidade para reunir várias partes splitadas de si, especialmente com a reintegração do ódio na relação com o analista. O gêmeo imaginário como retorno das relações primitivas e como expressão da sua inabilidade para tolerar um objeto que não está inteiramente sobre seu controle. A função do gêmeo imaginário como tentativa de negar a realidade diferente de si através da criação personificada das partes da mente splitadas. A necessidade de negar a realidade externa coexiste com a inabilidade de tolerar a realidade interna e grande quantidade de trabalho tem que ser feito para aumentar a tolerância.

A psicanálise é uma ciência que pode ser abarcada pelo referencial do pensamento complexo em que a convivência dos contrários, o princípio da indeterminação e a lógica da circularidade do fenômeno, sempre em movimento e em transformação, a caracteriza, pois essa é a natureza do seu objeto: o inconsciente.

Referências

Bion, W. (1967). The imaginary twin. In W. Bion, *Second thoughtsi* (pp. 03-23). Karnac.

Freud, S. (2010). O Inconsciente. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914-1916). (Trad. Paulo César de Souza). (v. 12, pp. 99-150). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1915.

Freud, S. (2010). O inquietante. In S. Freud, *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos*. (1917-1920). (Trad. Paulo César de Souza). (v. 14, pp. 328-376). Companhia das Letras. Trabalho original publicado em 1919.

Morin, E. (1999). *Ciência com consciência*. (Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice S. Dória). Bertrand Brasil. Trabalho original publicado em 1982.

Poe, E. A. (2018) William Wilson. In E. A. Poe, *A carta roubada e outras histórias de crime e mistério*. (Trad. William Lagos). (v. 331). L&PM Pocket. Trabalho original publicado em 1839.

Daniela Yglesias *é membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília, psicóloga (USP), Mestre e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura (UnB).*

o enigma figurado

Maíra Muhringer Volpe

É provocativa a epígrafe escolhida por Sigmund Freud para sua obra A Interpretação dos Sonhos (1900): "já que no céu nada alcanço, recorro às potências do Inferno", citação de Virgílio retirada de Eneida.1 Mesmo antes de iniciar a leitura, o autor alerta que caminhos desconhecidos, do inconsciente, serão percorridos. Em outras palavras, Freud faz uma afirmação que hoje pode parecer banal, mas, em seu contexto, é disruptiva: o pensamento não é somente racional, consciente, cartesiano.

Essa obra contribui para lançar as bases da psicanálise, como um campo distinto de conhecimento. Tal afirmação, contudo, não significa que seja a obra inaugural: ela está inserida em um projeto mais amplo – que se inicia com a escrita de Estudos sobre a Histeria (1893) e Projeto para uma Psicologia Científica (1895), entre outros, já publicados naquele momento. Ela avança na elaboração de um arcabouço teórico-metodológico específico e é importante para compreender o ofício do psicanalista. Já na nota preliminar,2 Freud defende o sonho como um objeto privilegiado por evidenciar o funcionamento do aparelho mental:

> "pois no exame psicológico o sonho mostra ser o primeiro termo na série das formações psíquicas anormais de cujos termos seguintes – a fobia histérica, as ideias obsessivas e as delirantes – o médico precisa se ocupar por motivos práticos. [...] quem não souber explicar a origem das imagens oníricas também se esforçará em vão por compreender as fobias, as ideias obsessivas e as delirantes, e, eventualmente, exercer uma influência terapêutica sobre elas." (Freud, 2013, p. 3)

Ainda hoje é também provocativa a ideia defendida por Freud de que o sonho tem um sentido oculto e seu conteúdo é passível de ser interpretado por meio de um procedimento científico – haja vista como o sonho é considerado e interpretado de diferentes maneiras no senso comum.[3] Diz Freud,

> "Se eu perguntar ao paciente ainda sem prática o que lhe vem à mente acerca de um sonho, em geral ele não consegue apreender nada em seu campo de visão intelectual. Preciso lhe mostrar o sonho em partes, e então ele me apresenta uma série de ideias a propósito de cada parte, que podemos chamar de "pensamentos ocultos" [...] toma o sonho desde o princípio como algo composto, como um conglomerado de formações psíquicas." (Freud, 2013, p. 125)

> "Meu procedimento, afinal, não é tão cômodo quanto o do método popular de decifração, que traduz o conteúdo onírico segundo uma chave fixa; [...] o mesmo conteúdo onírico, para pessoas

1 Nooriginal: *"Flectere si nequeo superos. Acheronta movebo"*.

2 A edição de *A Interpretação dos Sonhos* utilizada neste texto é a traduzida por Renato Zwick (Porto Alegre: L&PM, 2013).

3 O premiado filme *Duna*, uma produção estadunidense lançada em 2021, por exemplo, explora uma dessas maneiras ao trazer os sonhos de um personagem como uma previsão de futuro. Ao final do "livro dos sonhos", Freud (2013) afirma justamente o contrário: o valor do sonho "para o conhecimento do passado" (p. 636).

> diferentes e em contextos diferentes, também possa ocultar um sentido diverso. Dessa forma, dependo de meus próprios sonhos como de um material abundante e cômodo que provém de uma pessoa mais ou menos normal e se refere a acontecimentos variados da vida cotidiana." (Freud, 2013, p. 126)

Esses dois trechos são densos e permitem chamar a atenção para noções que são desenvolvidas de maneira detalhada ao longo da obra. Freud (2013) mostra ao leitor seu "procedimento", ou seja, a interpretação dos sonhos como um modelo para analisar conteúdos trazidos numa sessão – "ele [o sonhador] me apresenta uma série de ideias a propósito de cada parte", isto é, o analisando associa ideias a partir do relato do sonho. É por meio dessa justificativa – a chave de decifração de um sonho depende de cada sonhador –, que o autor abre mão de trabalhar com sonhos retirados da literatura ou coligidos por fontes desconhecidas, para analisar seu próprio conteúdo onírico. Ademais, outra vantagem estaria no fato de que os sonhos de seus pacientes estariam "sujeitos a complicação indesejável causada pela mescla de características neuróticas" (p. 3), e ele, por se considerar "uma pessoa mais ou menos normal", estaria supostamente afastado de tal complicação. A despeito do embaraço em expor intimidades de sua vida psíquica, Freud ressalta, no prefácio à segunda edição de 1908, "outra importância subjetiva" que a publicação do livro lhe proporcionou: "ele se mostrou como uma parte de minha autoanálise, como minha reação à morte de meu pai, ou seja, ao acontecimento mais significativo, à perda mais incisiva, na vida de um homem" (p. 6).

Outra noção importante desses trechos, desenvolvida no livro, é a de trabalhar o sonho "em partes" (e não considerar seu conteúdo como um todo), pois o sonho é tido como um "composto" de formações psíquicas. Outra noção diz respeito aos "pensamentos ocultos". O método proposto permitiria, partindo do "conteúdo onírico manifesto", desvendar o que está oculto, os "pensamentos

oníricos", ou o "conteúdo onírico latente". O sonho é considerado por Freud (2013) como um rébus, um "enigma figurado" (p. 300): "o conteúdo onírico se apresenta a nós como uma tradução dos pensamentos oníricos numa outra forma de expressão, cujos signos e leis sintáticas devemos chegar a conhecer pela comparação entre o original e a tradução" (p. 299).

Freud (2013) investiga, portanto, os processos que levaram os pensamentos oníricos latentes a se transformar no conteúdo onírico manifesto, destacando o trabalho de "condensação" e de "deslocamento" do material psíquico, bem como a "sobredeterminação", ou seja, como elementos do conteúdo onírico estão representados de várias maneiras nos pensamentos oníricos. Segundo o autor, condensação e deslocamento são "os dois mestres de obras a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a configuração do sonho" (p. 331). A atemporalidade e a ausência de oposição ou contradição no sonho são outros elementos trazidos por Freud para pensar a configuração dos conteúdos do sonho.

Ao analisar o chamado "sonho da injeção de Irma", o primeiro entre muitos trabalhados no livro, Freud (2013) ensina como se realiza uma interpretação propriamente psicanalítica e fornece uma importante afirmação: "o sonho apresenta um certo estado de coisas tal como eu poderia desejá-lo" (p. 140); adiante: "o sonho realmente tem um sentido e de forma alguma é a expressão de uma atividade cerebral fragmentada [...] Depois de completado o trabalho de interpretação, o sonho é uma realização de desejo" (p. 142, grifos do autor).4

Por meio da análise de sonhos de conteúdo desagradável, o autor sofistica a ideia de que o sonho é a realização de desejo. Ele afirma: "o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (reprimido, recalcado)" (p. 182, grifos do autor) e infantil (p. 582).

Ao mencionar a realização "disfarçada" de um desejo "reprimido", Freud (2013) aponta para forças psíquicas que atuam no aparelho mental; entre elas, uma "instância censora", "cuja influência até agora reconhecemos apenas por restrições e omissões no conteúdo onírico, também responsável por inserções e ampliações desse conteúdo" (p. 515).

Na última parte do livro, o autor se dedica ao funcionamento do aparelho psíquico. Para ele, a interpretação dos sonhos é "a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica". O sonho não é, porém, a única manifestação do inconsciente. Diz,

> "Todo sonho pode ser uma realização de desejo, mas ainda têm de existir, além dos sonhos, outras formas anormais de realização de desejo. E, de fato, a teoria dos sintomas psiconeuróticos culmina na tese de que *eles também devem ser compreendidos como realizações de desejo do inconsciente."* (Freud, 2013, p. 597, grifos do autor)

A partir da análise do sonho se avança na compreensão do funcionamento mental, na formação dos sintomas, fantasias, lembranças. Ela ilumina o jogo de forças no interior do aparelho psíquico, a dinâmica entre os sistemas consciente e inconsciente.

Maíra Muhringer Volpe *é membra do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

4 Freud não tem a pretensão de descobrir o "sentido completo" do sonho, tampouco afirma que não existam lacunas em sua interpretação – "todo sonho tem pelo menos um ponto em que é insondável, um umbigo [...] que o liga ao desconhecido". (Freud, 2013, p. 132)

Sonho e trauma em tempos de pandemia

Veridiana Canezin Guimarães

O livro *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud (1900) representa, em definitivo, o ponto de partida da psicanálise. Os sonhos, diz ele, são a via régia do inconsciente, o veículo para a compreensão dos processos psíquicos, sendo realizações disfarçadas de desejos inconscientes, possíveis de serem acessados a partir da interpretação dos sonhos no processo psicanalítico. Aproximando do final do livro, Freud (1900) diz que interpretar sonhos é a estrada real rumo a um conhecimento das atividades inconscientes da mente. Nesse processo, as imagens dos sonhos não são simplesmente o que parecem ser, é necessário um trabalho prático de análise, via associação livre, a caminho do sentido e significado dos sonhos, os pensamentos oníricos latentes.

Também nesse livro, entre inúmeras preciosidades, Freud traz uma informação interessante: "os sonhos nunca tratam de trivialidades; não deixamos que nosso sono seja perturbado por coisas banais" (p.182). Assim, os sonhos nunca se interessariam por coisas que não julgaríamos merecedoras de nosso interesse durante o dia e as trivialidades que não nos afetam durante o dia seriam incapazes de acompanhar-nos em nosso sonho. Portanto, nessa perspectiva, todo sonho é construído com base no que é significativo para o nosso mundo psíquico, ainda que, disfarçadamente, se manifeste.

Diante do desamparo e o desconhecido da pandemia provocada pelo Covid-19 e compartilhado por grande parte da humanidade, passei a pensar a especificidade dessa condição traumática, articulado à escuta dos meus sonhos e os sonhos que tenho escutado dos meus pacientes. Qual o lugar dos sonhos hoje? Pensar sobre os sonhos em tempos de catástrofe, em tempos de guerra não é uma novidade. Há um trabalho da jornalista e ensaísta alemã

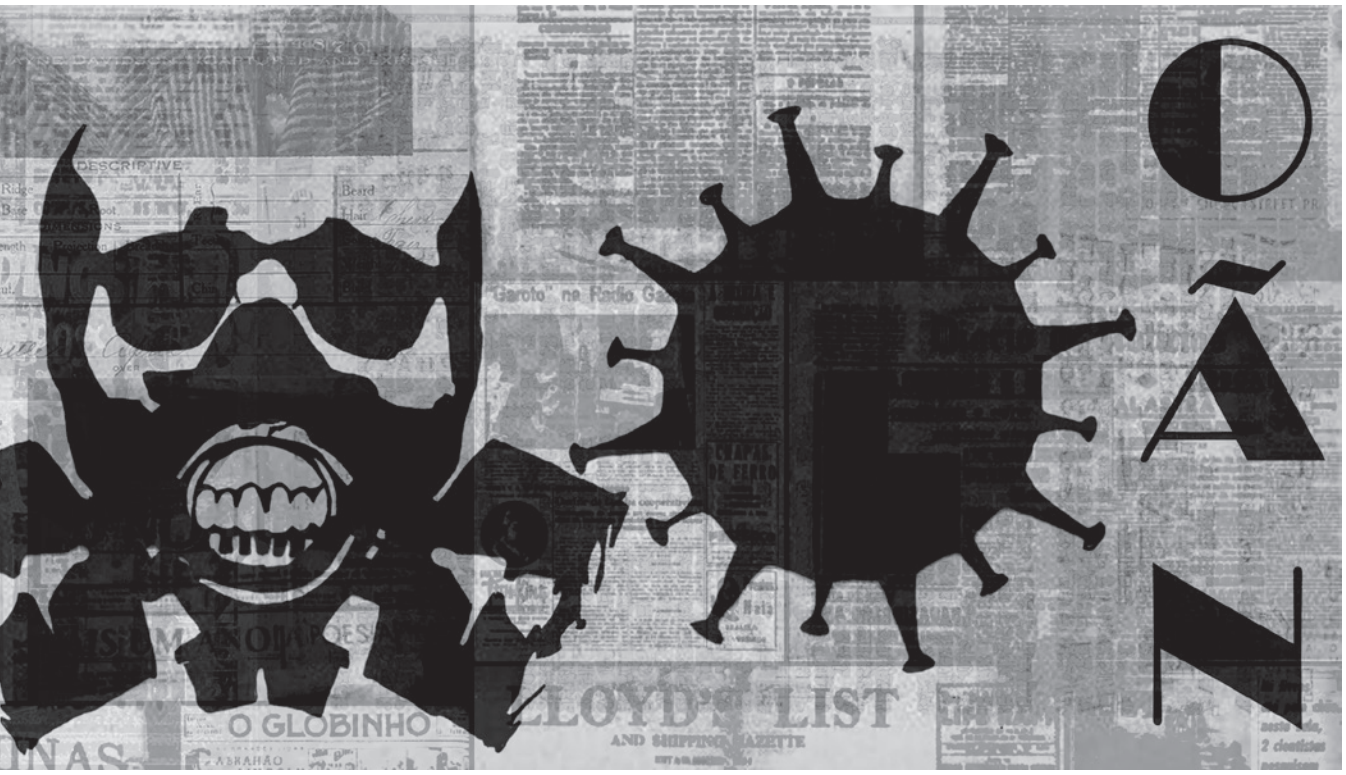
Charlotte Beradt, chamado "Sonhos do Terceiro Reich", fruto da escuta de sonhos de 300 pessoas que viveram o regime ditatorial de Hitler e que revela relatos surpreendentes sobre os efeitos desse regime na vida emocional e psíquica dos sujeitos. O sonho seria uma forma de lidar com a realidade? Seria uma possibilidade de elaboração das experiências traumáticas? Seria também realização disfarçada de desejos inconscientes?

Diante da rapidez da contaminação do vírus e o medo dos seus efeitos, faltam-nos mediações psíquicas para compreender e apreender essa nova realidade. Diante de uma experiência de tamanha intensidade que mudou o ritmo dos nossos dias, a psicanálise nos ensina que de imediato, pouco damos conta da realidade do acontecido. Na melhor das hipóteses, é preciso de um tempo de trabalho psíquico para elaborar e processar a experiência traumática. Nesse contexto, o sonho como formação psíquica, pode ser um valioso recurso para lidar com a realidade.

Nesse contexto, cabe destacar a fértil contribuição acerca dos sonhos e do trauma de Sándor Ferenczi, um psicanalista atento aos adoecimentos psíquicos do seu tempo, sensível, com um espírito perspicaz e criativo, como Freud (1914), em *História do movimento psicanalítico*, anunciou: "A Hungria, tão próxima geograficamente à Áustria, mas tão alheia no plano científico, só proporcionou um colaborador, S. Ferenczi, mas um colaborador que por si só equivale a uma sociedade (de psicanalista)".

Na perspectiva ferenczíana, a experiência do trauma é a experiência do desmentido, no sentido do não reconhecimento e da não validação perceptiva e afetiva da violência que o sujeito viveu. Nesse sentido, como aponta Gondar (2013), o trauma refere-se a um descrédito do sofrimento e da própria condição de sujeito daquele que vivenciou o trauma, fazendo com que o desmentido se relacione muito mais àquele que não reconheceu a experiência de violência do que o evento em si.

É relevante lembrar que Ferenczi dá um lugar privilegiado ao objeto externo na constituição psíquica, no sentido de que as experiências traumáticas comportam uma



origem exterior, isto é, que as experiências traumáticas aconteceram, de fato, e não podem ser consideradas apenas fantasias. Em 1929, no Congresso de Oxford, ele afirmou que: "são sempre perturbações e conflitos reais com o mundo exterior que são traumáticos e têm o efeito de choque, que dão o primeiro impulso à criação de direções anormais do desenvolvimento" (Ferenczi. 1930, p. 63). Pensando nesse momento que vivemos, talvez uma das experiências mais importantes seja o reconhecimento da pandemia, do sofrimento por ela causado e da necessidade do cuidado e do isolamento social. Do ponto de vista clínico, reconhecer a experiência de medo, de angústia e do não saber me parece ser constitutivo do olhar de testemunho dos analistas. "O pior é a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado ou repreendido quando se manifesta a paralisia traumática do pensamento ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico" (Ferenczi, 1931, p. 91). Na contramão desse movimento, diante do trauma social que vivemos, o que está posto em nossa sociedade é o desmentido da gravidade da pandemia, promovendo o esgarçamento do compromisso civilizatório a favor da vida, desfavorecendo o pacto social e legitimando a violência, a ignorância. O que está posto é o aniquilamento do sujeito.

Assim, a recusa e a negação da realidade e do sofrimento a que estamos submetidos, pode ser, em termos gerais, uma potência geradora de traumatismo, impossibilitando os processos de elaboração da experiência vivida. Duvidar da narrativa que o sujeito apresenta, desacreditar e ignorar pode ser um caminho de legitimação de não poder contar com o outro como um meio de encontrar sentido para a experiência desconhecida.

Assim, seguindo a perspectiva ferencziana, o trauma acontece quando não é permitido sentir e saber, quando se impõe outra percepção que tenta negar a existência da própria. O trauma, assim, é um desamparo diante de uma experiência sem sentido e sem outro para legitimar e reconhecer a experiência. O dispositivo clínico da psicanálise tem o intuito de favorecer o encontro empático, de promover a possibilidade de escuta sensível, não retraumatizando o paciente. Gondar & Antonello (2014) pontuam um aspecto bastante interessante: o lugar do analista como testemunha é aquele que, sobretudo, reconhece a experiência, que mais sustenta a experiência do que interpreta e, ali também reconhece que o quanto do que aconteceu permanece como parte do inenarrável.

Ferenczi (1934) propôs uma releitura da interpretação dos sonhos em *Da revisão de "A interpretação de sonhos"*, presente no artigo *Reflexões sobre o trauma*. Ele afirmou que as experiências traumáticas eram reproduzidas nos sonhos, na busca de uma elaboração, sendo, os sonhos traumáticos o próprio modelo de funcionamento onírico e não a exceção. Na perspectiva ferencziana, não se pode afirmar que os sonhos sejam a via régia para o desejo inconsciente. Os sonhos seriam a via régia e direta para algo mais primitivo: as impressões sensíveis. "O objetivo terapêutico da análise dos sonhos é o estabelecimento de um acesso direto às impressões sensíveis (...) e faz reviver na análise os acontecimentos traumáticos" (Ferenczi, 1934 p. 132). Nesse sentido, essas impressões seriam a matéria prima do sonho, podendo produzir sensações dolorosas, agitação, ou experiências de sofrimento de natureza corporal.

O estado de sono ou de inconsciência, como diz Ferenczi (1934), favoreceria "não só a dominação do princípio do prazer (a função de realização de desejo do sonho), mas também o retorno de impressões sensíveis traumáticas, não resolvidas, que aspiram à resolução (a função traumatolítica do sonho)" (p.130). Nesse sentido, é importante chamar a atenção para essa

função traumatolítica dos sonhos, uma função curativa ou elaborativa. Como Gondar (2013) afirma, uma das funções do sonho na perspectiva ferencziana é dar espaço para diante do sem sentido, buscar um sentido, de maneira a repetir as impressões na relação analítica para dominá-las, apostando na perspectiva ferencziana, de um *domínio psíquico melhor* dos acontecimentos traumáticos. Destarte, o tratamento analítico parece ser um trabalho de conquista de psiquismo, psiquismo este capaz de lidar melhor com os acontecimentos traumáticos.

Numa carta a Fliess, em 9 de junho de 1899, Freud diz: "o 'silêncio da floresta' é o clamor de uma metrópole em comparação com o silêncio do meu consultório. Este é um bom lugar para 'sonhar'". Que possamos encontrar nesse barulho da pandemia, um lugar para sonhar, a dar abertura para registros tão primitivos do nosso psiquismo, hoje, certamente alimentados pelo desamparo e pelo medo da pandemia. Chegar até os sonhos pode ser também dar a oportunidade de aflorar uma lógica diferente da lógica de vigília, da lógica adaptativa e de produtividade. Sonhos como abertura para um novo olhar, como forma de se aproximar de experiências pouco representadas, acontecimentos da ordem do sensível que a clínica psicanalítica se esforça para apreender. Penso que são movimentos que podem sustentar o não saber da vivência de hoje e quem sabe, pensando juntos, possamos viver e elaborar essa nova experiência.

Sonhos são feitos de histórias, de memórias, de lembranças, de impressões, de cheiros, de imagens. Sonhos são feitos de histórias não vividas, de ideais que não foram alcançados, de desejos infantis. Sonhos são possibilidades de subjetivação da experiência do trauma, diante do medo, da morte e dos cenários de destruição do mundo contemporâneo. Em psicanálise, ao sonhar se aposta na possibilidade de expansão do psiquismo, a palavra como testemunho de uma experiência incompreensível, tecendo assim vias de sentido e quem sabe de simbolização do traumático. Com Ferenczi, há uma aposta num encontro empático, na legitimação da condição de sujeito, no qual o analista esteja sensível ao paciente e ao nosso tempo, reconhecendo a experiência e fazendo dessa travessia dos tempos difíceis uma experiência compartilhada.

Referências

Ferenczi, S. (1930/2011). Princípio do relaxamento e a neo-catarse. In *Obras completas: Psicanálise IV*. Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1931/2011). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas: Psicanálise IV*. Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1932/2011). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In *Obras completas: Psicanálise IV*. Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1934/2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras completas: Psicanálise IV*. Martins Fontes.

Freud, S. (1900/2001). *A Interpretação de Sonhos*. Imago.

Freud, S. (1914/2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Obras completas*, v. 11. Companhia das Letras.

Gondar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro), 35*(29), 27-39.

Gondar, J. & Antonello, D. (2014). *O analista como testemunha*. Revista Psicologia USP.

Veridiana Canezin Guimarães é membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília, psicóloga, doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela UnB.

OS FILHOS DA NOITE*

Isa Maria Lopes Paniago

Os sonhos são fundamentais e tema de decisiva importância para compreender a psicanálise e sobre como estão implicados no processo de saúde psíquica. O estudo sobre os sonhos ampliou significativamente a compreensão do funcionamento mental que, com tanta riqueza de detalhes, podemos entender por que eles foram tão apreciados por Freud, até o fim de sua vida.

O recorte que quero destacar aqui se refere menos ao conteúdo do sonho manifesto e mais à forma como os pensamentos oníricos latentes são transformados pela elaboração onírica. Para ser mais precisa, gostaria de enfatizar a capacidade de sonhar, sem a qual o traumático se instaura.

A compreensão do trabalho do sonho, aquele que transforma o pensamento onírico latente em sonho manifesto, é possível a partir do trabalho de análise. Para o analista, importa a experiência emocional que se passa na sala, no encontro. Como um sonho manifesto, a experiência emocional é crua. É preciso pensar sobre ela, senão, como um sonho, essa experiência é esquecida. Um bom trabalho de análise pode acontecer pela capacidade de o par analítico transformar esse material em elementos oníricos. É o que se constitui um sonho-a--dois, onde o analista se deixa tomar pelas ideias associativas/sonho do paciente e o ressonha, traduzindo ao paciente suas associações. Essa é a experiência de rêverie que ocorre na sala de análise, correspondente ao sonho que acontece quando dormimos. O analista escuta o paciente e observa as imagens, sensações, emoções que lhe ocorrem, se impregna e é tomado por suas próprias emoções e associações. Os derivados de seu pensamento onírico fazem continência à verdade emocional do paciente naquele momento.

Além da compreensão do funcionamento do aparelho psíquico a partir da interpretação dos sonhos, momento inaugural da psicanálise, a teoria dos sonhos despertou para novas formas de psicanalisar, porque foi fornecendo pistas a respeito do sentido do sonhar, bem como de sua incapacidade – o não-sonho, que marca uma variedade de sintomas da contemporaneidade que, na clínica, comparecem como as atuações (descargas pulsionais, colocadas para fora) ou enactments (encenações, envolvendo paciente e analista, que tornam atuais fantasias arcaicas colocadas em cena, via transferências e contratransferências).

Como sabemos, Freud foi um cientista absolutamente aberto à observação dos fatos, não hesitando se corrigir a cada movimento que a clínica lhe colocava. Em sua Revisão da teoria dos sonhos, Freud (1933) reconsidera, a partir da experiência com pacientes severamente traumatizados, que o sonho tenha como função a realização de um desejo. Entende aqui que os sonhos sejam não a realização de um desejo, mas a tenta-

* Versão modificada do texto apresentado no debate "O traumático e o sonho" promovido pela Diretoria de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília, em 28/11/2020.

tiva de realização de um desejo. Sem contradizer sua teoria original, passa a abranger as descobertas que ampliaram a concepção do aparelho psíquico, agora abarcando os sentimentos de culpa, por exemplo, provindos do superego, instância inconsciente.

O sono, quando perturbado por intensa ansiedade, é despertado por sonhos traumáticos. Falha da função do sonho, ou precisamos entender o que Freud descreve como a realização de desejos inconscientes? De qual incapacidade falamos? Aqui se destaca a ideia de que a interpretação, ou mesmo a compreensão do sonho, ou do sonhar, depende do sonhador. E o sonhador precisa ter desenvolvido a sua capacidade de transformar essa experiência emocional em elemento onírico. É isso que vai lhe favorecer um tipo de pensamento integrador das vivências, um pensamento que torne essas vivências emocionais toleráveis e capazes de expansão.

Retomando Freud (1933), encontramos a surpreendente denominação desse desejo inconsciente como o Filho da Noite – o verdadeiro criador do sonho. O desejo inconsciente, esse filho da noite, que é estimulado pela atividade diurna, é o que vai formar o sonho. Espera pelo relaxamento do sono para chegar a alguma forma de expressão.

Esse filho da noite não comparece na mente consciente, dando a impressão de estrangeiridade. É realmente de outro, não do ser que sonha. Aliás, é repudiado pelo sonhador. Como vai buscar satisfação se deforma, se disfarça, se vincula a pensamentos oníricos não censuráveis, transpõe furtivamente a barreira da censura.

Sabemos que não se encontra como função do psicanalista efetuar interpretação de sonhos como sua atividade principal. Os sonhos que ocorrem durante um processo analítico muitas vezes escapam a uma análise completa, permanecem como parte do acervo de material inconsciente, que se desvelam ao longo dos anos de uma análise.

Freud (1916) descreve que os sonhos apresentam uma aparência estranha para o próprio sonhador, mas esse filho da noite, apenas na aparência um estrangeiro, permanece pleno de sentido, esperando que seu pai, o sonhador, apresente suas associações em análise. Coloca em cena o casal fértil (sonhador/analista) responsável por sua interpretação, caso contrário, permanece filho da noite, fragmentado, desconhecido.

> Em situação de análise, os sonhos dizem respeito ao estado interno temporário do paciente, seu nível predominante de defesa, a fase do processo analítico. Tomamos os sonhos como criações intersubjetivas da dupla analítica. Também o não-sonho passa a suscitar grande atenção, uma vez que para o analista importa tudo o que ocorre no espaço/tempo analítico, com sua mente analiticamente treinada, observando o que ocorre consigo, com seus próprios sonhos e não-sonhos, de modo a emprestar essa capacidade de pensar ao seu paciente. O trabalho do analista envolve não ter receio de sonhar tudo isso como algo que é do paciente, observando que o que ele lhe apresenta é algo dele, é o que ele pensa, sente e é.

Apresento, com a autorização de um paciente, um sonho para ilustrar essa ideia, sobre como o sonhar a dois em análise possibilita colocar em movimento esse filho da noite, que me permite pensar, por estar ali com ele, entregue à experiência do encontro. O sonho o perturba, pela intensidade de cores, detalhes, sentimentos e por um caráter estrangeiro, obscuro. O sonho que conto aqui é produto do campo analítico, portanto, uma versão. O sonhar suas associações ao longo da sessão pôde revelar a hipótese de uma trama a dois, um fantasma, um duplo, um eu-não eu, que parece vir impedindo a vivência de relacionamentos consistentes.

Segue o sonho:

> Caminha por uma cidade, num lugar que não conhece, ruas com casas e prédios, parece Recife (ele esteve em Recife na semana anterior. Ele desconhece, mas reconhece, é e não-é, um eterno duplo). Avista uma praça, desce até ela, tem muita gente, preocupa-se com a aglomeração, mas segue (aqui, o tempo presente traumático). Ao fundo, um grande Palácio, com escadarias, haveria um show, ele não se interessa, avista no meio da multidão um casal fotografando, aproxima-se e o casal logo se interessa por ele, lhe convida a tirar fotos, ao que ele imediatamente aceita, e começa a fazer poses, muito estranho, diz, uma vez que detesta tirar fotos, no máximo tira algumas de si para colocar no seu perfil na rede social. Diverte-se muito com o casal de fotógrafos. Ele e o homem se abraçam e posam para a mulher, passeiam pela praça, mas não interagem com as pessoas, apenas se divertem. Pessoas se aproximam querendo lhes falar de política e eles imediatamente se retiram irritados, mas continuam brincando com a situação. O casal o convida para sua casa, que fica ali na praça, queria mostrar-lhe a casa, buscar material para as fotos. Ele os acompanha, estranha e se pergunta: eles moram aqui? Era a casa de Manutenção do parque, da praça! Muito estranho, mas a casa por dentro era bem legal, muitos quadros, muitos móveis, ele percebia um azul que depois descreve como igual a um pingente que tinha dado para Lavínia, alguém com quem vem tentando um encontro amoroso. Reflete um pouco, e pensa que então a mulher do sonho era Lavínia. Ela e o companheiro, que é um cara muito legal, lhe mostravam a casa. "Ela ia cuidar das fotos, ele ficava comigo, me colocando à vontade. Eles me levaram para o quarto e eu me deitei com ele na cama e dormi, apaguei, eu estava muito cansado".

Todos os elementos do trabalho do sonho aparecem quase fotografáveis. Como resto diurno, a recentíssima viagem a Recife,

onde não pode estar com ela, em sua casa, mas teve um encontro na rua (na praça?). O azul do pingente, cor que decorava os móveis da casa e o levou a pensar nela. Condensação e deslocamentos dando a distorção onírica, divertindo-se com fotos e poses, que costuma não gostar.

Sinto-me um pouco convocada pelo jogo edípico entre ele e esse casal sedutor e brincalhão, que parecia gostar de convidar um terceiro para a cena, e ele se divertindo, e se exibindo, excluindo tudo e todos ao redor. Aceita os abraços desse parceiro, exibe-se diante do sorriso dessa mulher, curte a cena. Vou narrando esses elementos para ele como me ocorrem, inicialmente numa tentativa de diluir ali emoções que capto e coloco em narrativa, deixando que suas associações possam ocorrer, tirando-o de um estado de perplexidade e incompreensão absoluta do sentido do sonho. Percebo minha confusão, já que a mulher de seus sonhos é solteira, mas a de seu sonho é casada, e com um cara muito legal. Filho? Talvez ao preparar esse material com esse caso em mente, tenha me chamado à atenção Freud (1933) denominar o desejo inconsciente de filho da noite. Quem é esse que deseja, mas não pode se apropriar, ser? Quem é esse que é e não é? O desejo precisa permanecer desconhecido, filho de outro, para não ser expulso da consciência.

Nesse possível desejo de não ser excluído por esse casal, eu me mantenho identificada por algum tempo siderada nesse conceito edípico, cujo Filho era ele? Um filho que seduz, flerta, entra no meio do casal, aceita seu convite, mas é com seu parceiro que se deita, que se exibe para ela. Nesse tempo não consegui avançar nas ideias, tomada por essa figurabilidade, não conseguia sonhar esse sonho. Meu paciente não se incomodava com o rival, quase o desejava, nem mesmo o dava como rival. Tudo isso se deu ao longo da sessão, não linearmente, com outros assuntos que oportunizavam voltarmos aos elementos do sonho. Meu paciente confirma assertivo sobre o rival: Não! O cara é muito gente boa.

Penso: Está ai! ELE é muito gente boa. Digo-lhe: recentemente, você se dava conta sobre como nessa relação, ela era muito sortuda por ter um cara tão legal assim como você: tão gente boa. Disponível para ela. Como você disse, ela tem todo o tempo do mundo para não definir essa relação! Portanto, ele é você, um outro em você! Um aspecto seu muito legal, muito acolhedor, que permite o encontro, ao mesmo tempo em que te deixa de fora, não efetivando um verdadeiro relacionamento. Só flashes. Assim a relação vai sendo mantida. Ele diz espantado: a casa de Manutenção! A casa de Manutenção! Caramba!

Quando deixo um pouco de lado a figura teórica de Édipo e seus desdobramentos, o sonho acontece e abrimos para estados emocionais sem excessivas defesas ou inibições.

> O sonho pode ser descrito como o substituto de uma cena infantil, modificado pela transferência a algo recente. Não que toda a gama de nossos pensamentos rotineiros seja o tempo todo dessa qualidade, ou pelo menos que necessite o tempo todo da escuta analítica, que vai proporcionar a identificação do filho/desejo inconsciente.

Mas ele vai estar ali. Seguiremos nossas vidas, até nos darmos conta que o excesso de atividades que implementamos não se refere a um auge de competência, quando seremos confrontados com nossa impotência, nos vendo tomados por uma fobia ou inibição de qualquer ordem por causa da pandemia, por exemplo, que nos fez mudar toda nossa rotina. E nos pegamos medrosos, sem vontade de voltar à vida. Acomodados em refúgios livres de vírus, que requerem sim a ruptura radical das atividades até então certas. Como esse novo contexto nos confronta com os filhos da noite, habitantes de nosso inconsciente? Com nossos desejos de uma vida mais lenta, que flerta com a inerte pulsão de morte, que se funde ao prazer do menor esforço, dos encontros virtuais, que dispensam o trabalho do deslo-

car-se, que permitem uma câmera desligada, onde tudo vejo, e ouço, e não sou visto.

Bion postulou que a atividade onírica é uma atividade constante do nosso aparelho psíquico, mesmo quando estamos acordados. O trabalho mental da véspera consiste na formação de imagens que resumem, como no sonho noturno, a qualidade emocional que vivemos num dado momento (Ferro, 2007).

> Algumas emoções primitivas ficam ativas fazendo marcas especialmente nos vínculos humanos. Podemos pensar o quão importante é a capacidade de sonhar, de dar novos destinos a esses desejos inconscientes, os filhos da noite. A psicanálise contemporânea nos apresenta a ideia de que o desejo inconsciente pode ser mais ou menos perturbador. O desejo pode permanecer tão primitivo, que se revela como uma experiência indigesta, incompreendida.

O sonho é um ato psíquico de pleno valor, e sua força é sempre um desejo a ser realizado.

O trabalho onírico tal como o descrevemos até aqui é apenas um pequeno aspecto do sonhar. Bion sugere que o material trazido pelo paciente seja submetido ao trabalho do sonho. Cabe ao analista despertar esse aparelho de pensar que é a potência da função analítica. É o que possibilita que o paciente carregue para si esse modelo de continência. Assim, esse material apresentado em sala de análise pode ser armazenado de tal forma que emoções brutas, difusas, possam se transformar, permitindo outro desdobramento para situações traumáticas, particularmente, como as que nos encontramos, nos levando com criatividade e amorosidade para fora do estado de desamparo.

Vejo como uma complementaridade os modelos de Freud, posteriormente ampliados por Bion. Para Freud, o aparelho psíquico é um amortecedor de estímulos, enquanto para Bion, o aparelho psíquico é semelhante a um aparelho digestivo. Os elementos não digeridos são evacuados e acolhidos por uma mente em condições de transformá-los. Esse modelo de Bion se transforma num modelo de um aparelho psíquico como um aparelho para pensar os pensamentos.

Todo um desdobramento se revela aqui, retornando inclusive ao traumático. Quando não posso pensar, eu atuo. Eu adoeço. No lugar de um pensamento/sonho, um ato. Uma descarga.

Para Green, a originalidade de Bion foi ter compreendido que a criança podia ter pensamentos, mas que para ter um pensamento, ela teria que contar com a mãe, se apoiar sobre o aparelho de pensar os pensamentos da mãe. Mãe que faz a ligação entre a criança e o mundo, e que, só depois, esse filho passa a Ser.

Referências

Freud, S. (1933). Revisão da teoria dos sonhos. In S. Freud, Obras completas, vol. 18. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras, 2010.

Freud (1916). Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). In S. Freud, Obras completas, vol 13. (P. C. Souza, Trad.) Companhia das Letras, 2014.

Ferro, A. (2007). Evitar as emoções, viver as emoções. Artmed.

Isa Maria Lopes Paniago *é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília*

Revisitando Cruella De Vil, as duas faces da vilã

Kátia Barbosa Macêdo

O filme *Cruella Cruel*, dirigido por Craig Gillespie, lançado em 2021 pela Disney, se configura como mais uma obra de entretenimento que possui uma função de suporte à elaboração psíquica. A exemplo de *Malévola*, dirigido por Joachim Ronning e lançado em 2019, que também apresenta outra vilã, introduz uma noção fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica: a importância de relações saudáveis entre mãe e filhos para o bom desenvolvimento psíquico da criança.

Partindo de uma abordagem psicanalítica, o objetivo desse texto é pontuar alguns aspectos abordados no filme em relação ao filicídio; papel no trauma psíquico na emergência dos mecanismos defensivos primitivos, o mecanismo de cisão e a dualidade das pulsões de vida e morte, representadas pelas duas faces da personagem: de um lado Stella e de outro a Cruella De Vil.

Bettelheim (2007) já sinalizava que as estórias e os contos de fada são utilizados há milênios como instrumentos para transmitir significados manifestos e latentes, inclusive servindo como suporte para a elaboração de angústias vivenciadas pelas crianças de todas as idades. É uma forma de arte única, que comunica à mente infantil nossa herança cultural. Desde então, vários autores têm utilizado a psicanálise como lente para abordar os contos e estórias visando compreender e elaborar aspectos da dinâmica psíquica, como Corso e Corso (2007, 2011)

O trauma psíquico é uma resposta a uma situação inesperada que provocou afetos pavorosos de medo, angústia ou dor psíquica de forma tal que o funcionamento psíquico não conseguiu elaborar. Em uma situação traumática estão presentes três sentimentos: a angústia diante do perigo; o desamparo e a impotência para lidar com a situação. O termo trauma foi utilizado por Freud em várias de

suas obras, e com distintas representações, desde *Comunicação Preliminar* em 1893 até *Esboço de Psicanálise* em 1940.

O filme aborda dois traumas vivenciados pela personagem: a condenação à própria morte, e posteriormente presenciar a morte de Catherine, sua mãe. Em um primeiro momento, quando sua mãe biológica, A Baronesa, logo após seu nascimento, em situação de total desamparo, se separa dela e a condena à morte. Assim ela tem em comum com Édipo e Moisés a condenação à morte pelos pais, o filicídio, tema explorado por Freud em várias obras. Também possui em comum com eles o fato de ter contado com o auxílio de pessoas que se negaram a cumprir a sentença mortífera e os entregaram aos cuidados de pessoas simples e amáveis, o que resultou em dois registros psíquicos: um registro traumático e primitivo, irrepresentável e carregado de Tanatos, e outro registro de amparo e amor, com predominância de Eros.

Esses dois registros são evidenciados na construção da personagem, pois Stella tem desde o nascimento, o registro primitivo da dualidade na pele, tendo metade de seus cabelos uma cor clara e metade escura. A

representação de sua imagem ilustra tanto a defesa primitiva da cisão ou divisão, quanto seu conflito interno entre se conter, ser "boa" para ser aceita ou dar vazão à sua agressividade, que é julgada como violência. Stella tem um funcionamento borderline, com limites pouco definidos.

Como resultado de seu vínculo com Catherine, que desempenhou a função de uma mãe suficientemente boa, conforme Winnicott (1946), Stella desenvolveu uma capacidade de se vincular afetivamente, ainda que de forma limitada, e sua criatividade quanto criando laços. Guimarães Rosa (2006) afirma que "a vida é um constante rasgar-se e remendar-se", e parece ser essa tarefa utilizada por Stella no processo de elaboração, pois ao buscar conquistar um espaço de reconhecimento no ateliê da Baronesa, repete várias vezes no filme que é "muito boa com linhas e agulhas" e consegue conquistar a confiança da Baronesa com seu talento.

Quando ela se depara com a verdade sobre suas origens, adota uma postura de arrogância, movida pela sede de vingança, resultado de sua identificação com o agressor. A partir desse momento o diretor começa a desconstrução da antiga imagem de vilã, até então explorada em outras montagens de filmes sobre essa personagem: ela não é totalmente má, e sim, uma pessoa dividida, traumatizada, com possibilidade de integração.

Ao assistir a esse filme, assim como ao filme de Malévola, fica evidente que a ideia equivocada de que há pessoas totalmente boas e outras totalmente ruins, reflexo de uma fase esquizoparanóide do funcionamento primitivo, conforme Klein (1946), não se aplica mais. Ou seja, até as piores vilãs, em função de traumas sofridos, para sobreviver tiveram que desenvolver um falso self arrogante, idealizado como contraponto às suas vivências de desamparo e impotência. O caminho para a superação dessa cisão passa necessariamente pela construção da representação do objeto total, e não mais parcial.

Outro movimento importante no filme para a evolução da personagem é que, apesar de haver uma expectativa do público de que se cristalize a "face má", afinal, ela é uma vilã, há o predomínio de Eros. Ela se torna Cruella De Vil, porém, não mata e sim cuida dos cães, mantém e amplia suas amizades, e mais uma vez usa sua criatividade para construir um desfecho integrado.

Como Winnicott (1946) afirmou, todos nascemos com potencialidades a serem descobertas e desenvolvidas pelos vínculos, que contêm vivências de prazer e de sofrimento.

Referências

Bettelheim, B. (2007). *A psicanálise dos contos de fadas*. (Arlene Caetano, Trad.). Paz e Terra, 21ª edição revista.

Corso, D. L.; & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Artmed.

_____ (2011). *A psicanálise na Terra do nunca: ensaios sobre a fantasia*. Penso.

Freud, S. (1986). Comunicação Preliminar. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. 2ª. Edição. Imago. (Obra original publicada em 1893)

_____ (1986). Esboço de psicanálise. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. 2ª. Edição. Imago. (Obra original publicada em 1940).

Klein, M. (1996). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein, *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. (Liana Chaves, Trad.). Imago. (Obra original publicada em 1946)

Rosa, J. G. (2006). *Grande Sertão: Veredas*. Nova Fronteira.

Winnicott, D. W. (2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (Irineu Ortiz, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 1946)

Kátia Barbosa Macêdo *é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia e professora titular da PUC Goiás.*

Cansaço

Entre hoje e amanhã:

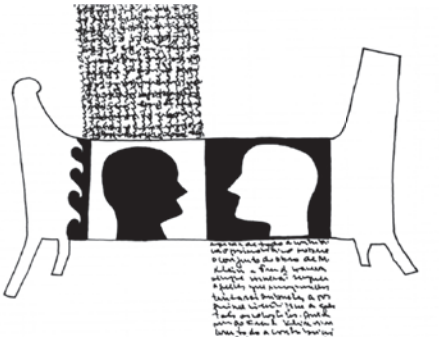
tentei comprar algodão
esfregar os olhos lamber
as mãos olhar as estrelas
ter um puff receber as
gentes sorrir mostrando
a gengiva ver de cima
dormir sem sono ou às
cinco enxergar embaçado
após quarenta escrever
um texto ler sobre a
morte fumar o último cigarro do dia esquecer de
comer responder ou pensar em não responder saltar
as vírgulas lembrar do sonho de amanhã martelar a
parede experimentar gotinhas trocar e depois trocar
as roupas andar sem um pé de sapato descobrir sobre
Pompéia correr da peste ou ouvir os sinos da igreja
suar no carro errar o caminho entrar na rodovia
voltar com as luzes acesas comer mamão e esquecer
do pão colocar as meias com o dedão furado lembrar
disso agora arrancar as cutículas falar falar e
falar

E hoje só perdi meu dente. E sorri sem ele.

Cansei...

Keyla Carolina Perim Vale

***Keyla Carolina Perim Vale** é psicanalista, membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPGoiania).*

“A vida é como andar de bicicleta.
Para manter o equilíbrio,
é preciso se manter em movimento”

Albert Einstein